



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARQUIVOLOGIA

TACIANE SOUZA ALVES

ARQUIVO, MEMÓRIA E IMAGEM:
REPRESENTAÇÃO DESCRITIVA DE DOCUMENTOS FOTOGRÁFICOS DA MATRIARCA
TEREZA ALVES

SALVADOR

2021

TACIANE SOUZA ALVES

ARQUIVO, MEMÓRIA E IMAGEM:

REPRESENTAÇÃO DESCRITIVA DE DOCUMENTOS FOTOGRÁFICOS DA MATRIARCA
TEREZA ALVES

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Colegiado do Curso de
Arquivologia do Instituto de Ciência da
Informação da Universidade Federal da
Bahia como requisito para a obtenção do
grau de Bacharela em Arquivologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Leyde Klebia Rodrigues da Silva

SALVADOR

2021

Catálogo na Publicação

Alves, Taciane Souza

A474a Arquivo, memória e imagem: representação descritiva de documentos fotográficos da matriarca Tereza Alves / Taciane Souza Alves. - Salvador, 2021.
52 f.

Orientadora: Leyde Klebia Rodrigues da Silva.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquivologia) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Ciência da Informação, 2021.

1. Arquivos. 2. Memória. 3. Imagem – Fotografia. 4. Descrição arquivística. 5. Documentos fotográficos. I. Silva, Leyde Klebia Rodrigues da, orient. II. Título.

CDU 930.25

TACIANE SOUZA ALVES

ARQUIVO, MEMÓRIA E IMAGEM:

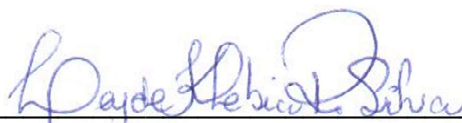
REPRESENTAÇÃO DESCRITIVA DE DOCUMENTOS FOTOGRÁFICOS DA MATRIARCA

TEREZA ALVES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de Arquivologia do Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia como requisito para a obtenção do grau de Bacharela em Arquivologia.

Aprovada em: 10/junho/2021

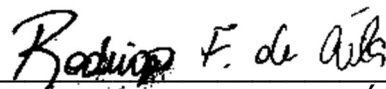
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Leyde Klebia Rodrigues da Silva
Orientadora



Prof.^a Dr.^a Ana Claudia Medeiros de Sousa
Examinadora



Prof. Dr. Rodrigo Fortes de Ávila
Examinador

A minha mãe, personagem principal deste trabalho, a que sempre me ensinou a ser forte, a seguir em frente, a não desistir dos meus sonhos, meu grande exemplo. Me incentivou e me disse que tudo era possível através do conhecimento.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por ter me dado tanta força que as vezes não sei como encontrei para chegar até aqui, foi uma longa jornada, de momentos que pensei em desistir, mas Ele me trouxe até aqui. Os orixás de luz que me protegem como os meus ancestrais, deles nunca desacreditei que tudo isso era possível.

Minha "mainha" assim como eu e meus irmãos chamam carinhosamente a personagem principal desse trabalho, Terezinha de Jesus Alves, conhecida aqui como Tereza Alves, dedicou sua vida para dar o melhor para seus filhos e nos ensinou que através da educação tudo era possível, se eu estou aqui escrevendo um trabalho de conclusão de curso para uma universidade pública, a primeira da família a estudar em universidade pública, eu tenho imensa gratidão a minha mãe, por me permitir sonhar, por me dá forças quando mais precise, por me levantar das piores quedas da vida, Obrigada Mainha, por tudo.

Meu agradecimento a meu irmão André, durante o ensino fundamental e principalmente o ensino médio era o meu professor em casa, não sei o que seria de mim sem meu querido irmão mais velho e quase pai, se não fosse ele não saberia se teria terminado nem mesmo o ensino médio, foi um espelho e inspiração para ser quem sou hoje, te dedico irmão.

Minha irmã Valdiane, te agradeço pela força, pela irmandade que temos, sou muito grata pela família unida que somos, sempre um ajudando o outro a não desistir quando as coisas ficam difíceis. Você se inspira em mim, mas eu me inspiro muito em você, sua dedicação é de dar orgulho, sei que vai conseguir alcançar mais coisas do que imagina, te dedico irmã.

Agradeço a minha querida professora e orientadora Leyde Klebia, pela confiança e pela dedicação, muito obrigada mesmo, por confiar e dizer que era sim possível, te dedico e te admiro.

Agradeço a todos meus (poucos) mas dedicados amigos, todos eles tiveram extrema importância na minha trajetória, e alguns deles em especial tiveram comigo em momentos que mais precisei para não desistir. Juliana Silva, minha amiga irmã, esteve ao meu lado durante um dos momentos que mais precisei de apoio, que se juntou a mim e segurou minha mão quando mais precisei, te agradeço pela amizade,

pela dedicação, atenção e força, te dedico Ju. A minha grande amiga irmã Hellen Serracini, de longa data, mais de dez anos de amizade, a gente perdeu a conta, você foi amiga e psicóloga, sempre me motivou a terminar a faculdade, me motivou a ir em busca dos meus sonhos e sempre me disse que sentia orgulho de tantas coisas que eu fazia ao mesmo tempo (dois estágios, duas faculdades 2016 eu nem sei como sobrevivi rs), você sempre diz que não conseguiria ter a força que eu tenho, mas você não sabe a força que me dá mesmo de longe, te dedico "Binha". Meu agradecimento especial a minha amiga Paula Sena, "deusa do ébano" obrigada pela força, pelas conversas diárias, por dizer que sou um orgulho para você, você é incrível e eu te dedico. Lívia Cortês, minha querida Livinha, te conheci na minha jornada na UFBA né, em um dos inúmeros estágios que passei, colega de trabalho, de faculdade que levei para vida, tenho orgulho e enorme admiração por você, obrigada pelas dicas, pelas conversas e pelos conselhos, se não fosse você talvez estaria estagnada no tempo, graças a seus conselhos eu estou aqui, concluindo meu curso e dedicando um agradecimento especial, obrigada amiga. Minha dedicação especial ao meu grupo P&B do ICI, formado ainda no início da minha jornada na UFBA, grupo de sala que se tornou grupinho entre amigas, dedico essa vitória a vocês meninas.

Agradeço aos que fizeram essa trajetória de vida não parar no meio do caminho como tantos imaginavam que fosse acontecer. Minha madrinha Josa, professora que me inspirou e ensinou que a educação e conhecimento ninguém tira de você, obrigada por sempre conversar sobre a importância da educação na sua vida. Agradeço a Maria Inês, minha primeira chefe/supervisora do meu primeiro estágio quando comecei meu primeiro curso, obrigada querida por confiar tanto no meu trabalho e em mim, foi uma grande amiga, te dedico. Obrigada a meu segundo chefe e amigo Ariston Leão, que até hoje me envia páginas de concursos, esse foi um dos que confiou no meu trabalho e sempre me aconselhou a continuar estudando, obrigada querido, te dedico.

Agradeço a toda comunidade ICI/UFBA, a todos meus queridos colegas de sala de aula, dos corredores, da administração, do colegiado, da coordenação e biblioteca e a todos que conheci nessa jornada ao longo dos meus cinco anos de UFBA.

Se sou sagrada
Que eu me benza com folhas
E búzios e velas e mãos entrelaçadas
Quando dizem eparrei
A força que me invade
Não me permite o silêncio

Se sou nuvem carregada
Que eu me despeje e desague
E mesmo que eu termine
Chuva de granizo nasce oceano
Sou mais inconstante que o mundo
Sou onde tudo começa e termina
Sou a história que eu quiser contar
Sou revide antes mesmo que alguém
Tente me atacar
Sou estrondo de trovão
Meus pés descalços tocam o chão
Estremeço
Mas sou profunda demais pra acabar (..)
(LEÃO, Ryane 2019).

RESUMO

Analisar como as narrativas orais aliadas a descrição arquivística de imagens podem servir para reconstrução sócio-histórica de memórias coletivas, sejam elas de um indivíduo, grupo ou sociedade, a partir do álbum da Família Alves é o objetivo principal deste estudo. Especificamente pretendeu-se: fazer um levantamento no álbum da família Alves por imagens que retratem a matriarca Tereza Alves; selecionar as imagens identificadas com a matriarca Tereza Alves; descrever arquivisticamente as fotografias; (re)construir as narrativas protagonizadas pela matriarca Tereza Alves. As categorias analíticas se fundamentam nas discussões sobre fotografia, origem e história, fotografia como um documento, descrição arquivística, memória, história e narrativa. Metodologicamente se caracteriza como uma pesquisa qualitativa do tipo documental e descritiva, que se utilizou dos princípios de descrição arquivística e do método narrativo para coletar e analisar os dados. Os resultados evidenciam, por meio das descrições realizadas em cada uma das fotografias recuperadas e pela narrativa construída, que alguns momentos da trajetória de vida da matriarca Tereza Alves sobre seu trabalho como doméstica, suas dificuldades e sua vida familiar, esteve repleta de lacunas, ao ponto de ter alguns momentos esquecidos, tanto na memória individual quanto na memória coletiva. Nas considerações finais refletimos sobre a relação da fotografia com a memória individual e coletiva, e como esta pode se tornar essencial e ressignificar uma ou várias histórias, logo, sendo este trabalho, um espaço de diálogo com os estudos de memória e fotografia no âmbito da Arquivologia.

Palavras-Chave: Arquivo. Memória. Imagem – Fotografia. Descrição arquivística. Documentos fotográficos.

ABSTRACT

The main objective of this study is to analyze how oral narratives combined with the archival description of images can serve for the socio-historical reconstruction of collective memories, whether of an individual, group or society, based on the Alves Family album. Specifically, the intention was: Make a research on the Alves family album looking for pictures that shows the matriarch Teresa Alves, select the pictures with the matriarch and archivistically describe them, (re)constructing the narratives starred by the matriarch Tereza Alves. The analitic categories are based in discussions about photography, origin and history, pictures as a document, archivistic descriptions, history and narrative. Methodologyaly it is characterized as qualitative research of documentary and descriptive type that uses archivistic description principles and narrative method to collect and analyse data. The results show, through the descriptions in each recovered photography and by constructed narrative, that some moments in the life trajetory of Tereza Alves about her job as a maid, her difficulties and her family life were full of gaps, leading to some forgotten moments, both in individual and collective memories. In the final considerations we think about the relationship between individual and collective memory and how it can be essential and redesign one or more stories, making this work a dialogue place with the memory and photography studies in archivology.

Keywords: Archive. Memory. Imagem – Photography. Archival. Description. Photographic Documents.

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1	– Certidão de Batismo de André Alves	31
Imagem 2	– O batismo	33
Imagem 3	– Entre mãe e filho	35
Imagem 4	– O batismo (os padrinhos)	37
Imagem 5	– O Renascimento	39
Quadro 1	– Area de identificação da imagem 2 “o batismo”	34
Quadro 2	– Area de contextualização da imagem 2 “o batismo”	34
Quadro 3	– Área de conteúdo e estrutura da imagem 2 “o batismo”	34
Quadro 4	– Area de identificação da imagem 3 “entre mãe e filho”	35
Quadro 5	– Área de contextualização da imagem 3 “entre mãe e filho”	36
Quadro 6	– Área de conteúdo e estrutura da imagem 3 “entre mãe e filho”	36
Quadro 7	– Area de identificação da imagem 4 “O batismo (os padrinhos)”	37
Quadro 8	– Area de contextualização da imagem 4 “O batismo (os padrinhos)”	38
Quadro 9	– Area de conteúdo e estrutura da imagem 4 “O batismo (os padrinhos)”	38
Quadro 10	– Area de identificação da imagem 5 “O renascimento”	39
Quadro 11	– Area de contextualização da imagem 5 “O renascimento”	40
Quadro 12	– Area de conteúdo e estrutura da imagem 5 “O renascimento”	40

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CONARQ	Conselho Nacional de Arquivos
NOBRADE	Norma Brasileira de Descrição Arquivística
ISAD (G)	<i>General International Standard Archival Description</i> (Norma Geral Internacional de Descrição Arquivística)
ISAAR (CPF)	Norma Internacional de Registro de Autoridade Arquivística para Entidades Coletivas, Pessoas e Famílias

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	ARQUIVO, FOTOGRAFIA E MEMÓRIA	16
2.1	ARQUIVO E FOTOGRAFIA	18
2.1.1	Documento Fotográfico	19
2.1.2	Descrição Fotográfica	21
2.2	MEMÓRIA E HISTÓRIA	24
2.2.1	Memória e Arquivo	26
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	29
4	REPRESENTAÇÃO DESCRITIVA DE DOCUMENTOS FOTOGRAFICOS: ANÁLISES E RESULTADOS DA PESQUISA	31
4.1	DESCRIÇÃO ARQUIVÍSTICA DAS FOTOGRAFIAS DA MATRIARCA TEREZA ALVES	32
4.2	DISCUSSÃO: narrativas protagonizadas pela matriarca Tereza Alves a partir das fotografias	41
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
	REFERÊNCIAS	50

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho parte de discussões sobre fotografia e sua diversa capacidade de identificar e memorizar momentos do cotidiano entre o passado, presente e futuro. Destacando a simbologia da fotografia como registro pessoal e como documento. Utilizando a descrição de fotos para identificar o tempo, origem e construção da imagem registrada. Recontando a história através das memórias da fotografia retirada do álbum da família Alves, que ajuda na construção da história da matriarca da família, Tereza Alves e sua vinda do interior da Bahia para a capital, fugindo da dificuldade financeira e da convivência familiar, com a promessa de trabalho e uma vida melhor. Seu relato vai contribuir para relacionar a fotografia como memória e como uma imagem pode recontar e visualizar um histórico social dos anos 80, entre a mulher na sociedade.

Em meados de janeiro de 1985 Tereza sai de sua cidade natal, Maracás/BA com a promessa de trabalhar em casa de família, sem conhecimento sobre a capital e sem ensino escolar, percorrer a cidade grande é se arriscar e não saber o que esperar de um futuro incerto. Sozinha e sem parentes em Salvador, a única saída é morar com os patrões, algo comum na época, quando o trabalho de doméstica que vinha do interior era visto como um trabalho escravo, recebia menos que um salário-mínimo e sem horário fixo. Uma história habitual entre mulheres, nordestinas e negras que buscavam melhoria de vida, mas com a precariedade salarial, falta de conhecimento e estudos, o que contribuía para falta de informação e acabavam sendo silenciadas e ignoradas pela sociedade, que até então naquela época não tinha leis que regularizavam o trabalho doméstico.

Assim como muitas histórias comuns naquele ano, Tereza consegue se estabelecer na capital e construir sua família, mesmo morando na casa dos patrões e passando por dificuldade em se desvincular como empregada. Com a fotografia retirada do álbum de família será reconstruída a memória coletiva e individual da matriarca da família Alves utilizando a ferramenta de descrição arquivística.

A fotografia pode ter diversos significados, para quem faz o registro também há diversos olhares, seja na arte, na ciência ou no entretenimento. A foto também é uma recordação. "A memória é, por si só, uma espécie de imagem; certamente não uma

fotografia, mas um desenho, que esboçamos na mente, de maneira tímida e que pode, sim, contemplar-se na visualização de uma fotografia” teoriza Miriam Paula Manini (2011, p. 80). A imagem do passado é uma recordação atualmente e talvez seja por isso que o ato de fotografar momentos, lugares e pessoas venha se tornando algo tão popular ao ponto de a fotografia ser mais importante do que vivenciar pelo simples olhar. De acordo com Miriam Paula Manini (2011). A relação do fotógrafo com a fotografia é marcada pelos princípios da conexão física, da singularidade, da designação, do testemunho e da memória. Apesar de todas as mudanças de relação, a imagem não deixa de ser um testemunho para memória, seja ela passado ou presente.

Além da fotografia como memória ela também tem o potencial de produzir conhecimento, que de uma forma ou outra sempre está sendo transmitida através da imagem. E isso também é resultado da era digital, além do compartilhamento ela é capaz de transmitir informação, mas vai depender do receptor entender o que a informação quer dizer. “A fotografia como informação como conhecimento é resultado de pesquisas de caráter comparativo entre fotografias e textos históricos” (MANINI, 2011, p. 84). Saber decodificar ou entender uma imagem é saber traduzir o resultado de um trabalho que só o fotógrafo visualiza de acordo com sua visão.

A fotografia como um registro (fonte de memória), se configura em documento fotográfico quando se integra ao acervo, arquivo histórico ou organizacional, documento esse que registra datas importantes, trajetória e momentos históricos que podem ser disponibilizados para pesquisa. A fotografia como documento pessoal ou de família traz o ato de registrar e salvaguardar memórias que podem ser utilizadas não só como recordação, mas também como comprovatório. Em outra situação a fotografia faz parte do fotojornalismo que tem a capacidade de transmitir informação clara e precisa.

Além dos vestígios de memória que a fotografia pode materializar, se configura, em alguns casos, como um registro documental, que deve ser considerado pelo arquivista para preservar, guardar e tornar acessível para os usuários e pesquisadores. Atualmente com os recursos tecnológicos, fotografias ou documentos audiovisuais vem tomando o espaço do suporte papel e se firma como elemento importante nas áreas da Ciência da Informação (MARTINEZ, 2009).

A fotografia sempre foi para as pessoas um meio para lembrar e para deixar registrado, seja como prova de alguma ocorrência ou de lembrança. A imagem por si só pode significar muita coisa, para alguns pode ser uma bela imagem e para outros nem tanto. Sua relevância e seu valor podem ser diferentes para o outro, mas para qualquer pessoa a fotografia pode se tornar uma fonte de produção de conhecimento. A partir de uma disciplina optativa que tinha como tema a fotografia como documento, imagem, memória e informação e o objetivo de analisar uma fotografia para utilizar a ferramenta de chave de leitura, que constatei a ausência de fotografias de família e até mesmo fotografias pessoais de infância, é notório que temos pouquíssimos registros e em todas as fotografias a família nunca está reunida. Foi escolhida então a fotografia do batismo do primogênito da matriarca Tereza Alves, um dos raros registros que temos.

Sempre fui muito apegada a guardar objetos que me remetesse a lembrança de um momento, de um dia especial ou de alguém, mas da minha infância tenho poucas memórias, sentia a necessidade de guardar anotações e bilhetes que fazia para meus amigos ou minha mãe, e pela carência de fotografia busquei uma outra forma de guardar minha história. Lembro que minha mãe sempre dizia que não tinha condições de comprar uma câmera, por isso os registros que consegui resgatar foram feitos por amigos ou estou presente em fotos de amigos, percebi então que por muitos anos não tive álbum de aniversário, de batismo ou de família, o que me entristece muito, pois para quem sempre fez questão de guardar um pedaço de papel da época de escola não ter fotos nem dos avós é como viver sem memória.

Diante do exposto, o problema dessa pesquisa indaga: Como a oralidade (narrativas) pode contribuir para descrição arquivística de imagens e a reconstrução sócio-histórica da memória coletiva de um indivíduo, grupo ou sociedade?

Buscando solucionar esse problema, a pesquisa tem como objetivo **analisar como as narrativas orais aliadas a descrição arquivística de imagens podem servir para reconstrução sócio-histórica de memórias coletivas, sejam elas de um indivíduo, grupo ou sociedade, a partir do álbum da Família Alves.**

Especificamente pretende-se:

- a) Fazer um levantamento no álbum da família Alves por imagens que retratem a matriarca Tereza Alves;

- b) Selecionar as imagens identificadas com a matriarca Tereza Alves;
- c) Descrever arquivisticamente as fotografias;
- d) (Re)construir narrativas protagonizadas pela matriarca Tereza Alves.

Com os resultados podemos colaborar com futuras pesquisas sobre fotografia, memória e sociedade. Com intuito de não permitir que a história familiar e cultural possa cair no esquecimento pela ausência de registros, podendo mostrar o quão importante é a memória fotográfica e como a Arquivologia colaboram com suas técnicas para a preservação.

Para dissertar sobre o tema este trabalho está estruturado em 5 (cinco) capítulos, a saber:

No capítulo 1 "Introdução" apresentamos brevemente sobre a justificativa do tema fotografia e sua abordagem e em seguida apresentamos uma síntese sobre a fotografia escolhida e o que vamos recontar através da memória fotográfica da matriarca Tereza Alves que se apresenta como tema central do trabalho.

A seguir, no capítulo 2 "Arquivo, Fotografia e Memória" apresentamos o referencial teórico da pesquisa, baseando-se nas discussões sobre fotografia, sua origem e história, fotografia como um documento, a fotografia no arquivo e como são/devem ser realizados os procedimentos de descrição arquivística. Ainda realizamos um debate sobre memória e história, especialmente o papel da memória nos arquivos.

No capítulo 3 são exemplificados os procedimentos metodológicos utilizados neste trabalho, que se utiliza do processo de abordagem qualitativa do tipo exploratória, realizando pesquisa teóricas acerca do tema fotografia visando recuperar informações disponíveis na bibliografia.

O capítulo 4 "Representação descritiva de documentos fotográficos" exibimos os resultados e análises da pesquisa sobre a fotografia, memória e suas descrições arquivística, utilizando as narrativas da personagem e seus registros fotográficos com objetivo de mostrar a eficácia da pesquisa e importância que ela significa para área da Arquivologia e para sociedade.

E por fim, no capítulo 5 "Considerações Finais" concluímos com a reflexão sobre a relação da fotografia com a memória individual e coletiva pode tornar essencial e ressignificar histórias, e como esse trabalho pode contribuir para pesquisas futuras no campo da Arquivologia e Ciência da Informação.

2 ARQUIVO, FOTOGRAFIA E MEMÓRIA

Em diversas áreas o desenvolvimento da ciência e suas transformações iniciaram com a revolução industrial, a tecnologia, a produção e o uso de informações trouxeram diversas invenções, uma delas foi a fotografia. Na época foi uma grande inovação, visto que possibilitou o registro de informação e serviu como forma de expressão artística para diversos campos, segundo Boris Kossoy (2012).

Foram inúmeras as mudanças e as possibilidades que surgiram com o passar dos anos, por exemplo, há alguns anos era fácil encontrar a famosa máquina “lambe lambe” nas praças públicas de Salvador, a câmera se dividia em duas partes, uma caixa de madeira e uma lente que se apoiava no tripé, sua imagem não era de qualidade, mas era acessível para quem passasse por um “fotografo de lambe lambe” em qualquer praça ou jardim da cidade.

Boris Kossoy (2012) cita em seu texto que as máquinas fotográficas se revolucionaram em meados do século XIX. As câmeras eram grandes e pesadas, suas lentes e suas cores mudaram e foram se tornando menores e mais leves, a exemplo da Polaroid, a famosa câmera instantânea, que até hoje faz bastante sucesso pelo tamanho e rapidez na hora de revelar a foto. Assim como a câmera mudou o papel do fotografo também mudou e o significado de uma imagem e se transformou em diversas, seja a maneira de registrar ou de revelar, que hoje o habitual é compartilhar e a depender do olhar de quem vê e de quem interpreta.

A descoberta da fotografia proporcionou aos outros campos a possibilidade de autoconhecimento e recordação, sua aceitação se deu a partir da década de 1860. “Durante séculos o homem serviu-se de câmera obscura, instrumento que favorecia para desenhar uma vista, uma paisagem que por alguma razão lhe interessou” (KOSSOY, 2012, p. 37). A indústria e o comércio foram impulsionados por essa invenção, assim como as culturas, os costumes, as paisagens, as arquiteturas das cidades e até os fatos sociais e políticos passaram a ser documentados por câmera, visto que a possibilidade de registro a fotografia começou a ser vista também como informação visual.

Segundo Boris Kossoy (2012, p. 28) “o homem passou a ter um conhecimento mais preciso e amplo das outras realidades, que até então só era transmitida pela

escrita e verbal”. Assim como outros campos a fotografia continuou se ampliando, seja na arte, na moda, no entretenimento ou no jornalismo, ela ainda é pessoal e através de sites de hospedagem de fotos é possível visualizar e compartilhar fotografias. Não precisa ser um fotografo profissional para utilizar essas ferramentas, a forma que a imagem é vista passou a ser apreciada por qualquer pessoa com visões e opiniões diferentes sobre a imagem e não necessariamente um profissional especializado, e a forma como se guarda a fotografia também mudou, com as inovações tecnológicas agora pode ser armazenada na conhecida nuvem, uma forma de backup dos documentos e fotografia, uma opção de salvar sem a necessidade de impressão.

É comum gerar um grande acúmulo de documentos pessoais. Desde a nossa infância até a nossa fase adulta, esses documentos estão ligados diretamente a nossa vida, mas também podem estar ligados as pessoas ao nosso redor, como familiares e amigos. Esses documentos podem ser: certidões de nascimento, casamento, documentos escolares, de saúde, de trabalho, acadêmicos, ou seja, a nossa produção documental referente ao pessoal é contínua. Dentre essa massa documental tão expressiva está a fotografia, que também é um documento pessoal. Por isso se deve distinguir o que é documento pessoal ou público, já que temos diversos tipos e formas de documentos para entender e poder utilizar a técnica de descrição. A autora Heloisa Bellotto (2004) afirma

[...] o conjunto de papéis e material audiovisual ou iconográfico resultante da vida e da obra/atividade de estadistas, políticos, administradores, líderes de categorias profissionais, cientistas, escritores, artistas e etc. Enfim, pessoas cuja maneira de pensar, agir, atuar e viver possa ter algum interesse para as pesquisas nas respectivas áreas onde desenvolveram suas atividades; ou ainda, pessoas detentoras de informações inéditas em seus documentos que se divulgadas na comunidade científica e na sociedade civil, trarão fatos novos para as ciências, a arte e a sociedade (BELLOTTO, 2004, p. 266).

Nesse sentido, a respeito do documento pessoal e a dificuldade em identificação para o público compreendemos que sua forma de descrever pode ser diferente dos demais tipos de documentos. As normas de descrição arquivística seguem uma colaborando com a outra, e assim ocorre com a Norma Internacional de Registro de Autoridade Arquivística para Entidades Coletivas, Pessoas e Famílias - ISAAR (CPF) – que estabelece as diretrizes para descrição de produtos de documentos relacionados, e diferente da ISAD (G) a ISAAR (CPF), mas, não faz menção a fase do ciclo

documental, pois seu objetivo é fornecer regras para normalização das descrições arquivísticas dos produtores de documentos e do contexto da produção. Para isso, podem ser utilizados para descrever uma entidade coletiva, pessoa ou família, controlar a criação e uso de pontos de acessos e documentar relações entre diferentes produtos de documentos.

Neste capítulo vamos seguir apresentando sobre arquivo e fotografia, a fotografia como documento e sua descrição, a memória, história e arquivo com a colaboração de autores para referenciar a presente pesquisa, Miriam Paula Manini (2011), Boris Kossoy (2012), Maurice Halbwachs (2013) entre outros que contribuem para discussão.

2.1 ARQUIVO E FOTOGRAFIA

A fotografia é relevante em qualquer meio de comunicação, mesmo tendo uma certa ausência de estudos e pesquisas sobre a fotografia no arquivo, ela já se faz presente em diversas áreas graças aos pesquisadores e autores que abordam sobre a fotografia como objeto de estudos na Arquivologia e Ciência da Informação, e isso contribui para que mais pesquisadores possam fazer essa abordagem, dando a visibilidade deste tema pouco explorado pela arquivística.

Na pesquisa de doutorado de Aline Lopes Lacerda (2008) ela investigou o estatuto das fotografias como documentos de arquivos, como suportes de informações de valor documental (informativo e probatório) produzidos e acumulados no cumprimento de funções regidas por atividades de natureza institucional. Em sua experiência trabalhando em arquivos, ela relata que “as imagens acabam sendo tratadas pelo seu conteúdo intrínseco, não sendo percebidas enquanto portadoras de um *vínculo arquivístico*” (LARCEDA, 2008, p. 15, grifo da autora), pois em diversos arquivos ainda é ignorado a organicidade dos documentos iconográficos dos acervos, para fins de tratamento técnico específico e principalmente “sobre a sua natureza e constituição nos domínios público e privado”, ainda vistos como especiais.

Entendemos assim, a visível necessidade de discussões acerca da fotografia como documento e registro de informação para Arquivologia e Ciência da Informação,

inclusive para ampliar as técnicas de descrição arquivística, que é uma ferramenta que pode contribuir para o desenvolvimento e consolidação do documento fotográfico.

2.1.1 Documento Fotográfico

O suporte que é não manuscrito recebe o nome de documentos especiais (suporte manuscrito são documentos escritos ou copiados a mão sobre o suporte físico papel) e segundo a autora e pesquisadora Marilena Leite Paes (2004), os documentos de suporte especiais não só merecem tratamento especial como também o armazenamento, arquivamento e controle. Portanto, o vínculo arquivístico, sua identificação e classificação para preservação trata-se da relação do produtor ou o acumulador e deve ser observar a relação do acesso aos documentos, dando a importância também as técnicas, como os metadados para identificação, que são basilares na descrição arquivística. A descrição arquivística preserva o vínculo arquivístico, determina os cuidados desde a sua produção até a guarda. Assim, entende-se que “Vínculo orgânico” ou “vínculo arquivístico”, segundo o qual “os arquivos são caracterizados pelas relações dos documentos que os constituem com seu produtor e entre eles” (EASTWOOD, 2010, p. 7)

Para o Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ) (2004) independente da forma ou suporte o documento especial de arquivo tem a garantia como qualquer outro documento de arquivo. Para a arquivologia os documentos considerados especiais são os documentos audiovisuais, iconográficos, sonoros, tridimensionais e realias. Logo, a fotografia se encaixa como documento especial do tipo “iconográfico”, se sendo assim, não altera os cuidados em relação a conservação e preservação, independentemente do tipo de suporte deles. Segundo Miriam Paula Manini (2011) o documento fotográfico precisa do crivo leitor, uso de métodos e técnicas que compreenda a localização, o tempo e espaço da imagem fotográfica.

Segundo a autora Joana Souza Rodrigues (2017) a fotografia não só cresceu como também permitiu a liberdade de expressão e o respeito de linguagem visual, em sua pesquisa ela cita o autor Barthes (2012) que afirma, o objetivo do documento fotográfico sempre foi garantir a diversidade na comunicação com o outro. Em uma

outra citação é possível compreender mais sobre o que os autores entendem sobre documento fotográfico, assunto bastante escasso na área da Ciência da Informação.

Joana Souza Rodrigues (2017, p. 56) em diálogo com Maria do Carmo Serén (2013) afirma que o "o documento fotográfico deve ser visto como objeto social, pertencente a uma sociedade de informação e comunicação, pois esta caracteriza-se pela sua capacidade de registro". E o documento fotográfico dentro da Ciência da Informação é visto como fonte de informação para geração de conhecimento que contribui para o crescimento de outros campos como informação e acesso. Conforme cita Joana Souza Rodrigues (2017) uma vez que cumpri seu papel social, é fundamental a multiplicação de novos conhecimentos, esses que contribuem para o crescimento sustentável na sociedade, e nesse âmbito os arquivos costumam desempenhar um papel de destaque com a Ciência da Informação.

A fotografia não é específica, vai muito além de um registro documental, faz parte da construção da identidade individual e coletiva, que tem como objetivo contribuir na recuperação da memória de um indivíduo, de um grupo ou até mesmo de uma geração familiar sendo também construção de conhecimento. E qual seria a análise do ponto de vista de quem fotografa ou de quem é fotografado, mas isso não é prioridade em entender quando se trata de memória. "A foto também é uma recordação. A memória é por si só, uma espécie de imagem; certamente não uma fotografia, mas um desenho, que esboçamos na mente, de maneira tímida e que pode, sim, contemplar-se na visualização de uma fotografia" (MANINI, 2011, p. 80).

A Ciência da Informação e seu campo de estudo ainda precisa avançar no reconhecimento de fotografia como documento, e já vem aos poucos sendo percebida conforme relata o autor Sérgio Matias da Silva (2019, p. 227)

Um paradoxo na área, na qual diversos autores enaltecem os documentos visuais como grandes fontes do saber arquivístico, mas na prática o que vemos é que os documentos fotográficos ainda são vistos como "especiais" na área, muitas vezes apartados de procedimentos padrões da disciplina e de análises teóricas mais aprofundadas e elaboradas.

E pela ausência de trabalhos científicos da área da Ciência da Informação os autores relatam o crescimento dos documentos iconográficos e a reflexão de documentos arquivístico em seu contexto, a maioria dos trabalhos encontrados na base de pesquisa cita documentos "especiais", pois ainda há uma dificuldade de

compreensão, é notório que na metodologia vem construindo um caminho para ser aplicado as fotografias no arquivo. Através das suas características foram criadas técnicas que colaboram para descrição do documento fotográfico, desta maneira é possível entender de forma exemplificada do que se trata o documento fotográfico. Nas próximas seções deste trabalho vamos entender melhor sobre a descrição, seus exemplos e na prática como funciona para área arquivística.

2.1.2 Descrição Fotográfica

Independente do suporte ou tipologia do documento a área da arquivologia tem como principal objetivo possibilitar o acesso à informação e preservar o documento. Para isso foram criadas técnicas e normas arquivística, desenvolvida para colaborar na preservação, conservação e segurança. No Brasil, em 2006 foi lançada a Norma de Descrição Arquivística (NOBRADE) que a partir das necessidades foram feitas recomendações através das normas internacionais. A NOBRADE é baseada na Norma Geral de Internacional de Descrição Arquivística (ISAD G), com as mesmas características foi acrescentado novos elementos. As fotografias são consideradas documentos especiais, e apesar do gênero, as técnicas e a aplicação da Norma é recomendada em qualquer documento, conforme cita Lusiane Martinez (2009).

Para facilitar o acesso à informação aos usuários e pesquisadores as ferramentas de descrição arquivística se tornam cada vez mais necessárias aos profissionais da arquivologia e afins, e estes precisam estar habilitados a aplicar essas normas adequadamente, de acordo com cada tipologia de documento e suas fases de arquivamento.

A descrição arquivística, nada mais é que uma ferramenta da arquivologia que colabora na busca de documentos e informações, tornando acessível, e conforme Lusiane Martinez (2009) cita é importante que a descrição seja utilizada no início da gestão documental, possibilitando a recuperação de elementos do documento. Segundo o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p. 67) descrição "é conjunto de procedimentos que leva em conta os elementos formais e de conteúdo dos documentos para elaboração de instrumentos de pesquisas", portanto essa ferramenta colabora na acessibilidade das informações dos

documentos, e pode ser utilizado em todo tipo de documento, seja ele papel ou documento especial como a fotografia.

E é com essa ferramenta arquivística que vamos nos fundamentar para elaborar a descrição da fotografia que compõe a narrativa deste presente trabalho.

A função de descrição arquivística começa desde o documento primário na gestão de documento, onde o profissional arquivista faz uso na tomada de decisões para administrar desde o primeiro estágio até ordem de acesso para os pesquisadores e usuários.

Nesta fase inicial, conhecida como "Corrente ou de Primeira idade"¹ é feita uma análise a partir de planos de classificação², para entender onde determinado documento está e/ou deve ser categorizado. Em seguida, elaboram-se ferramentas que servem como instrumentos de pesquisa para recuperação de informações, e é essa demanda que norteia a descrição arquivística. Segundo Lucia Velloso de Oliveira (2012, p. 44)

A descrição arquivística é uma representação formulada pelo arquivista. Conforme observado, sua formulação envolve processos e métodos de pesquisa complexos e particulares que convergem para a compreensão de um arquivo, um elemento fundamental para essa compreensão é a construção do contexto arquivístico.

A norma ISAD é categórica quando descreve o objetivo da descrição e identificação do documento no arquivo. Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira e Leyde Klebia Rodrigues da Silva (2013, p. 04) relatam que s

De acordo com a ISAD (G) - Norma Geral Internacional de Descrição Arquivística o objetivo da descrição arquivística é identificar e explicar o contexto e o conteúdo de documentos de arquivo a fim de promover o acesso aos mesmos. Isto é alcançado pela criação de representações precisas e adequadas e pela organização dessas representações de acordo com modelos predeterminados.

¹ O ciclo vital dos documentos surgiu como solução para administração do grande volume de documentos, e após passar por diversas teorias e mudanças os autores Rousseau e Couture (1998) acham que abordagem das três idades é um dos três princípios que integram o fundamento da disciplina arquivística. Sendo uma estratégia de organização dos documentos com o ciclo de vida documental que se refere as fases correntes (primeira idade), intermediária (segunda idade) e permanente (terceira idade) (COSTA FILHO, 2016).

² O plano de classificação é um "esquema de distribuição de documentos em documentos classes, de classes acordo com métodos de arquivamento específicos, elaborado a partir do estudo das estruturas e funções de uma instituição e da análise do arquivo ela produzido" (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p. 132).

Para identificação são divididos um conjunto de níveis de unidade de descrição arquivística conforme descrito na NOBRADE: O nível 0 = acervo da entidade Custodiadora; nível 1 = fundo ou coleção; nível 2 = seção; nível 3 = série; nível 4 = dossiê ou processo; nível 5 = item documental. São admitidos níveis intermediários, representados da seguinte maneira: acervo da subunidade Custodiadora = nível 0,5; subseção = nível 2,5; subsérie = nível 3,5.

Conforme as autoras explicam "As Normas para descrição de documentos arquivístico visam garantir descrições consistentes, apropriadas e autoexplicativas" (OLIVEIRA; SILVA, 2013, p. 10-11). Desta forma o ato de descrever o documento e/ou fotografia se torna mais fácil para quem vai acessá-los e entender seu histórico.

As normas têm por objetivo garantir a descrição e a padronização, assim como contribuir para a otimização da informação, colaborando também na eficácia dos instrumentos de pesquisa utilizados pelos usuários. Desta forma, os métodos utilizados como técnica se configuram em estratégias para fornecer a informação direta e necessária sobre a fotografia em si, sobre o antes e depois, o porquê de ter sido tirada, sua autoria e quem está sendo fotografada, seu local, seu registro sendo pessoal ou não. Afinal, tudo pode ser informação utilizada na descrição.

Pensando na importância da descrição do documento arquivístico e o quanto ela pode contribuir para pesquisa, nos utilizaremos desse recurso na prática, fazendo o processo de descrição desde a primeira etapa, utilizando as fotografias do álbum de família da matriarca Tereza Alves para contar sua história e não permitir que seja esquecida pelo tempo e pela ausência de memória.

Nesse sentido, a fotografia e a descrição podem ser entendidas como instrumentos informacionais que auxiliam na construção da lembrança, para que a memória possa ser ressignificada e (re)construída, independentemente do tempo. Por isso, a descrição se torna tão importante e é um dos pilares deste trabalho, pois alinha narrativa a descrição das fotografias e ainda reforça a importância de dissertar sobre a memória individual e coletiva, a qual abordaremos na seção a seguir.

2.2 MEMÓRIA E HISTÓRIA

Quando o tema deste presente trabalho começou a ser elaborado, um dos fatores para construção foi a ausência de registros fotográficos na família, em especial da matriarca Tereza Alves, que se torna um exemplo de várias pessoas que de alguma forma foram silenciadas por diversas lacunas históricas, com a condição financeira da época e a falta de oportunidade e conhecimento. Pois, acreditamos que a partir desses registros memórias são construídas e histórias são ressignificadas, o que nos incentiva a buscar por ferramentas e informações para realizar este estudo e contribuir para futuras pesquisas.

É quase impossível não relacionar Fotografia e História. As narrativas por trás da imagem são como reconstrução de uma lembrança, o ato de olhar é mesmo que recordar momentos que ficam guardado em nossas memórias, e quando não é possível recontar essas histórias por meio da fotografia, os relatos narrados (oralidade) pelo indivíduo se tornam complementos dessa memória individual ou coletiva.

O conceito de memória foi bastante difundido pelo sociólogo Maurice Halbwachs ao lidar com coletividade. Larissa Conceição dos Santos (2016) ao estudar os meandros da história, memória e da narrativa, compreende a importância desse autor ao entender que a memória para ele “diz respeito ao vivido, ao sentido, ao experimentado, ao concreto, a imagem, enquanto a história remete ao científico, ao problematizado, ao crítico, ao domínio intelectual” (SANTOS, 2016, p. 99).

E através das histórias contadas e suas narrativas podemos reconstruir uma memória que se perdeu ao longo dos anos pela ausência de documentos e se tornaram uma memória perdida e silenciada. Larissa Conceição dos Santos (2016, p. 100) também nos ajuda a compreender que “a narrativa é vista como um mecanismo de comunicação que permite a indivíduo expressar-se, reconstruir por meio de linguagem aquilo que guarda em memória”.

Nesse sentido, acreditamos que por meio de estudos mais aprofundados sobre fotografia, no nosso caso especificamente, a Matriarca Tereza Alves pode conseguir reconstruir sua história vivida nos anos 80 na cidade de Salvador, e por meio dessa imagem ressignificar lembranças que estavam perdidas ou escondidas em sua memória. As narrativas, assim são importantes meios de comunicação para manifestar

o que não se pode exibir. Ainda neste capítulo vamos seguir apresentando o conceito de memória, os tipos de memórias, a memória dentro do arquivo, a relação da memória com a história e como a narrativa do indivíduo pode se relacionar com a memória.

O conceito de memória ainda é muito confundido e relacionado com a própria história, pois é comum associar memória ao passado, antigo ou velho, mas a memória não está exclusivamente ligada ao passado, e, podemos afirmar que a memória é um conjunto entre passado, presente e futuro. Ainda seguindo a trilha deixada por Larissa Conceição dos Santos (2016, p. 99) compreendemos que “a memória simboliza, nesse sentido, a multiplicidade, a pluralidade de vozes que compõe ou operam na formação de uma memória coletiva”.

Nesse sentido, a memória está sempre presente, no agora temos constantemente a lembrança de horas atrás ou de um dia atrás, seja de um fato, de uma pessoa ou até mesmo de uma canção que foi ouvida, se torna uma lembrança. Miriam Paula Manini (2011, p. 78) afirma que “a memória é algo a que chegamos após um processo de abandono da presença e/ou da existência de alguém, de alguma coisa ou de algum fato, ela nos mostra quem somos, pela aquisição, formação, conservação e evocação da informação”.

Michael Pollak (1992, p.2 11) entende que em um primeiro momento, “a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa”. Já Maurice Halbwachs (2013), como mencionamos, foi o responsável pelo conceito “memória coletiva”, pois entendia que o fenômeno de recordação e localização das lembranças não pode ser efetivamente analisado se não for levado em consideração os contextos sociais que atuam como base para o trabalho de reconstrução da memória.

A memória pode ser caracterizada de várias formas, e como vimos, alguns autores conceituam cada uma delas, não há uma memória que não se ligue a outra, assim ocorre com a memória individual que sempre estará ligada a coletiva, ela é única, mas ao tempo, são inseparáveis.

A memória individual assim como o nome já traduz é a memória exclusivamente pessoal com experiências e vivências somente do indivíduo, como acontecimento singular que não é partilhado com outra pessoa. A memória coletiva ela é partilhada

entre outros indivíduos, algo construído em grupo, que pode se perpassar para o lado social, criada de geração em geração, que pode ser entre grupo familiar, de amigos ou classe social, e como afirma Halbwachs (2013, p. 30) "lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós". E por fim a memória social, que vem da memória coletiva, fruto dos acontecimentos culturais e sociais dos grupos. O autor Halbwachs (2013), afirmava que Memória Social é a essência do conhecimento coletivo e culturalmente conhecido por determinado grupo balizado por um determinado contexto.

Contudo a relação de memória e arquivo é uma construção de espaço social e cultural que tem objetivo de difundir como um espaço de conhecimento na sociedade, iremos detalhar mais essa discussão na seção a seguir.

2.2.1 Memória e Arquivo

Desde a antiguidade que o ser humano busca registrar e preservar sua memória, seja de forma oral ou forma física, a memória vem sendo resguardada e conservada. A Revolução Francesa ressignifica o arquivo dentro da administração. E o acesso ao documento através do arquivo nacional e dos departamentos deram exemplos para outros países, toda documentação administrativa que nascia para o estado corrente, intermediário e permanente.

A biblioteca de documentos religiosos também é um dos lugares de memória mais antigo que conhecemos, e assim foram surgindo o papel social dos arquivos, museus e bibliotecas como lugares de memória. Para os autores Augusto Britto, Marisa Mokarzel e Analaura Corradi (2017, p. 163) "O Arquivo edificado como lugar de memória, como produto dessa demanda, demonstra que ele, assim como qualquer variável a ser estudada, é resultado contextual do seu tempo, ou seja, é um fenômeno estruturado socialmente".

Um dos fatos que possibilitam que o arquivo seja um lugar de memória está baseado no valor histórico dos documentos, pois os arquivos são instituições que tem por objetivo a preservação histórica e cultural da identidade de um lugar, grupo ou pessoa, que precisa ser lembrada e acessada por gerações futuras. Sendo conhecido

como Arquivo Histórico ou Permanente, é nesses espaços onde se encontram os documentos de determinada importância sociocultural que deve ser preservado continuamente.

Augusto Britto, Marisa Mokarzel e Analaura Corradi (2017, p. 163-164) ainda explicam que os lugares de memória se diferenciam pelas características que o contém, para cada um, na biblioteca tem o acervo, que é formado pela seleção subjetiva da memória dos registros humanos, o museu contém a construção em torno dos elementos, já o arquivo contém os registros dos acontecimentos.

A memória está inclusa nos três lugares que preservam história, mas para cada um deles sua característica que determina, em seu texto Augusto Britto, Marisa Mokarzel e Analaura Corradi (2017, p. 164) define sobre o documento de arquivo que se relaciona com a memória.

Dessa maneira o documento de Arquivo se constitui como fonte primordial de qualquer estudo relacionado à memória, pois são nesses documentos que contêm as diversas dimensões da realidade (social, cultural, administrativa, ideológica, econômica e política) em que os objetos passíveis de estudo estarão relacionados.

Deste modo podemos entender que o arquivo é um lugar de memória que tem o potencial de visibilizar o social e cultural dentro da sociedade, não é um lugar para finalizar uma história, mas sim para lembrá-la da importância e simbologia da memória coletiva e individual na sociedade, além de ser um lugar de pesquisa para pesquisadores poderem ampliar seus estudos e conhecimentos de acontecimentos e épocas diferentes que poderá ser atualizado ao longo dos anos, podendo narrar a história de um povo, de uma organização, de um indivíduo comum. Para Dirlene Barros e Dulce Amélia (2009, p. 57) "O arquivo, nessa compreensão, adquire uma nova postura, não apenas de guardião da memória, mas, sobretudo, como um espaço de referência da produção do conhecimento, que incita a efervescência da informação de maneira dinâmica e atualizada. "

Por tanto é evidente como a memória é imprescindível dentro do arquivo, sua relação é extremamente visível para que o arquivo se intitule um lugar de memória, e as autoras Dirlene Barros e Dulce Amélia (2009, p. 57) conclui que "O arquivo, portanto, consagra-se como os lócus que se mantém vivo e atuante no meio da sociedade que o teceu, permitindo, assim, a externalização e a mediação entre o

tempo e os acontecimentos passados. " São verdadeiros templos históricos que recuperam fragmentos de memória da sociedade para não cair no esquecimento absoluto, assim reafirma Terry Cook (1998, p. 143)

Os arquivos são templos modernos – templos da memória. Como instituições, tanto como coleções, os arquivos servem como monumentos às pessoas e instituições julgadas merecedoras de serem lembradas. Igualmente, as que são rejeitadas, por serem julgadas não merecedoras, têm seu acesso negado a esses templos da memória e estão fadadas, assim, ao esquecimento de nossas histórias e de nossa consciência social.

E como construção sociocultural o arquivo tem a capacidade de oferecer cultura através de seus projetos em seu espaço. O resgate e preservação da história colabora na ligação entre a história, arquivo e memória.

Com isso, o arquivo não é só um lugar de memória é também um lugar de referência de produção do conhecimento da informação, como um sistema social e cultural que estimula e cria novos referenciados e pesquisadores que buscam novas fontes e aprendizados.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Essa pesquisa tem fundamento metodológico a abordagem qualitativa, que tem objetivo de analisar o objeto para compreender e responder questões e possibilitar acesso ao conhecimento, sendo assim “a natureza socialmente construída da realidade, a íntima relação entre o pesquisador e o que é estudado e as limitações situacionais que influenciam a investigação” (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 23) Para utilizar este tipo de abordagem a pesquisa tem que relacionar com os motivos que levam o indivíduo executar a ação e pensar de maneira determinada e para que os objetivos sejam atendimentos é necessário que a pesquisa defina a metodologia e coleta de dados.

Com relação as fontes utilizadas, se caracteriza como pesquisa do tipo documental, pois utilizamos fontes primárias com dados e informações que não foram tratados cientificamente ou analiticamente. Segundo Gil (2002, p. 46), “[...] a pesquisa documental vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos de pesquisa”. A exemplo desses documentos estão os diários, carta pessoais, gravações, fotografia que é a nossa fonte de pesquisa entre outros. Também fizemos uso do método descritivo – técnica de descrição arquivística – para analisar as fotografias e entender a narrativa a partir das imagens.

O campo da pesquisa são documentos fotográficos, mais precisamente o álbum de fotografias da família Alves. Com foco nas fotografias da matriarca Tereza Alves, que tem sua trajetória de vida originária entre mulheres pobres, nordestinas e racializadas, com ausência de informação e conhecimento, nascida no interior da Bahia, migra para capital em busca de oportunidade e mudança de vida, e assim como tantas outras mulheres teve que se submeter a trabalhos pesados e precários para sobreviver. Após ter seu primeiro filho, Tereza não tinha escolha se não fosse morar com os patrões para não passar dificuldade, e é através dessa narrativa que vamos tentar (re)construir memórias que por muito tempo estão silenciadas e ausentes. A memória e seus registros buscam dar voz para ressignificar essa história de vida.

O levantamento foi feito levando em consideração: fotografias antigas (de infância, de aniversário ou do colégio). Contudo, percebeu-se que nas fotos de

batizados também havia material substancial para a pesquisa. Daí, retiramos quatro fotografias do álbum para utilização da técnica de descrição arquivística e composição da narrativa pessoal da Sra. Tereza Alves e para construção deste trabalho, que visa entender a importância da memória pessoal e coletiva e como ela pode ressignificar e contribuir para um grupo ou para sociedade.

Para analisar descritivamente as fotografias selecionadas utilizamos fichas de descrição (em quadros), com base nos campos principais das normas de descrição arquivística (nacional e internacional) e de normas, como a Código de Catalogação Anglo-Americano, 2ª edição (AACR2)³, que tem por objetivo identificar e explicar o contexto do documento de arquivo, padronizar e otimizar as informações específicas da fotografia, respectivamente. Utilizamos para isso, como base, a Apostila "Representação descritiva da informação arquivística II" e a ficha de descrição elaborada pelas autoras Bernardina Oliveira e Leyde Silva (2013) para compor a descrição de cada fotografia escolhida para este trabalho, e assim proporcionar uma qualidade técnica e uso com mais facilidade para o instrumento de pesquisa. Em seguida, construiremos nosso próprio instrumento de descrição, para devida análise, como observamos no capítulo a seguir.

Para recontar a trajetória de Tereza Alves utilizamos o método narrativo, como base para reconstruir e ressignificar, a partir das memórias individuais e coletivas, momentos da sua trajetória de vida. Walter Benjamin (1986, p. 205) entende que a perspectiva de quem narra "não [deve] está interessada em transmitir o 'puro em si' da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele". Assim, método narrativo pode nos dá outros caminhos para histórias predefinidas, como afirma Walter Benjamin (1986), entendendo o entrelaçamento entre a memória e a sociedade, por meio das narrativas.

A seguir, no próximo capítulo iremos mergulhar nos dados, análises e resultados da pesquisa.

³ Essa obra é um compêndio de regras para a criação de descrições bibliográficas, a construção e a atribuição dos pontos de acesso (cabecinhos) representando pessoas, localizações geográficas e entidades coletivas, além de títulos uniformes representando obras e expressões, publicada a primeira vez em 1978.

4 REPRESENTAÇÃO DESCRITIVA DE DOCUMENTOS FOTOGRÁFICOS DA FAMÍLIA ALVES: ANÁLISES E RESULTADOS DA PESQUISA

Este capítulo tem o propósito mostrar os resultados e análises da pesquisa sobre a fotografia, memória e suas descrições arquivística, utilizando as narrativas da personagem e seus registros fotográficos para recontar sua trajetória de vida. Foi escolhido quatro fotografias retirados do álbum de batismo da Matriarca Tereza Alves que retrata um pouco da sua jornada na capital baiana e ressaltar a importância para memória individual e coletiva dentro da perspectiva arquivista.

A partir das quatro fotografias escolhidas do álbum de batismo do filho de Tereza Alves (imagem 1), vamos tentar (re)construir um pouco da sua história e a trajetória da sua nova vida na capital baiana. Através das fotografias podemos destacar a diferença social entre patrões sendo padrinhos do filho da empregada doméstica, dentro das narrativas e utilizando a técnica de descrições arquivística podemos compor a descrição de cada fotografia e sua história por trás da memória individual da personagem principal Tereza Alves.

Imagem 1 – Certidão de Batismo de André Alves

Certidão de Batismo

No dia... 16 de Junho de 1991

Na Igreja... Nossa Senhora da Conceição

O Revmo. Pe. Frei Edvaldo Santana Alves

Celebrou o Batismo de... André Valbert e Jesus Alves

Nascido (a) em... Salvador no dia 10 - Agosto - 88

Filho (a) de...
e de... Teresinha e Jesus Alves

Padrinho

Olívio Mendes

Madrinha

Leidiane de Oliveira Paes

Livro de Batizados N.º 8 Fls. 023 N.º 0181

Solvidos 16 de Junho de 1991

L+S

Frei Edvaldo Santana Alves - VIGÁRIO
O Vigário

Fonte: Acervo da família Alves (1991)

Escolhemos as fotografias que estavam com melhor qualidade e que também mostrassem os personagens principais da narrativa: os padrinhos que até então também era os patrões da Tereza Alves, na época era empregada doméstica e estava batizando seu primeiro filho. Também ressaltamos que esses registros só foram possíveis porque os padrinhos se responsabilizaram pelos custos do álbum de batismo. Também entendemos que a partir desta seleção de fotos podemos identificar alguns elementos sobre uma memória que foi perdida devido à ausência de registros, como também sua vinda do interior e a sua história como empregada doméstica entre os anos 80 e 90.

Na próxima seção, vamos analisar individualmente cada fotografia, seguindo os critérios de descrição arquivística de documentos iconográficos.

4.1 DESCRIÇÃO ARQUIVÍSTICA DAS FOTOGRAFIAS DA MATRIARCA TEREZA ALVES

A análise descritiva das fotografias se dará da seguinte forma: primeiro apresentamos um breve relato sobre a fotografia em questão, em seguida apresentamos a fotografia digitalizada e por último três quadros que representam a ficha de descrição, o primeiro contém informações sobre a área de identificação da fotografia, o segundo quadro a área de contextualização e o terceiro quadro a área de conteúdo e estrutura, com informações descritivas de cada fotografia para identificar e explicar de acordo com as narrativas e seu contexto.

Sobre o contexto do álbum analisado, com a carência de recursos na época, a foto de batismo do filho de Tereza é um dos poucos registros que compõem o álbum de família. Em apenas uma imagem é possível reconstruir a memória individual e toda uma história social estruturada nos anos 80. A escolha desta imagem (2) foi por vários motivos e um deles foi a ausência de registros pessoais e de família, e o que encontramos no álbum foram feitas por amigos ou conhecidos próximos. Devido a essa dificuldade, conseguimos recuperar um número ínfimo de fotografia no álbum, por questões sociais e até mesmo o possível esquecimento da própria história, sem constar em nenhum registro é perceptível os problemas sociais convívios.

O batismo do filho da matriarca foi realizado na igreja do bairro da Saúde, no centro da cidade de Salvador, a cerimônia foi no dia 16 de junho de 1991. Na imagem

é possível destacar que os padrinhos estão ao lado da criança André Valbert e da mãe Tereza. Por trás desta imagem podemos reconstruir a memória individual de Tereza, ao lembrar a história com os patrões Senhora Dalva e Senhor Clóvis, que se ofereceram para ser padrinhos do filho da sua empregada doméstica.

A fotografia do batismo evidencia uma divisão cultural, social e de classe, patrões batizando o filho da empregada, mas em que sentido esse registro foi realizado? E por que esse convite em ser padrinhos do filho da empregada? Com a colaboração da descrição arquivística de imagem e da narrativa oral da matriarca Tereza Alves (construídas na seção a seguir), vamos reconstruir essa história trazendo o ressignificado da memória coletiva e individual para sociedade. Iniciamos a análise com a imagem 2, a seguir.

Imagem 2 – O batismo



Fonte: Álbum da família Alves (1991)

A imagem 2 integra o álbum de fotos do batizado. A Matriarca Tereza Alves está ao lado do seu primogênito e a madrinha Senhora Dalva e o padrinho Senhor Clóvis. É possível ver ao fundo da fotografia que a igreja está bastante cheia, era um dia comum de batizados, numa manhã de agosto na igreja Nossa Senhora da Saúde e Glória no bairro da Saúde. A seguir, veremos os quadros com as informações descritivas

presente nos registros, nas quatro fotografias apenas a mãe, com seu filho e os padrinhos estão presentes.

A seguir daremos início a segunda análise com a imagem 3.

Imagem 3 – Entre mãe e filho



Fonte: Álbum da família Alves (1991)

Na imagem 3 observamos Tereza Alves apoiando seu filho em frente, aguardando a cerimônia do seu batismo, um momento entre mãe e filho. A seguir, vejamos os quadros 4, 5 e 6 com as informações descritivas.

Quadro 4 – Area de identificação da imagem 3 “entre mãe e filho”

ÁREA DE IDENTIFICAÇÃO
Fundo: BR BA AFA
Registro: F002/1991
Denominação título: Mãe e filho na cerimônia do batismo
Autoria: Dado não disponível
Série: Fotografia do álbum de batismo do primogênito da Matriarca Tereza Alves
Data crônica: 16 de junho de 1991
Legenda: Matriarca Tereza Alves ao lado dos padrinhos do seu primogênito
Material e Técnica: Fotografia impressa
Materiais contemporâneo: fotografia colorida em papel com revelação química.

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Quadro 5 – Área de contextualização da imagem 3 “entre mãe e filho”

ÁREA DE CONTEXTUALIZAÇÃO
Histórico: Registro de 1991 na cerimônia religiosa, retirada do álbum de fotografias do batizado, mãe apoia seu filho em seu braço, aguardando a cerimônia de batismo
Procedência: Álbum de batismo do primogênito de Tereza Alves - 1991
Dimensão expressiva: ótica: lente normal / limosidade: contraluz / Enquadramento: vista geral – primeiríssimo plano, close-up / posição da câmera: câmera alta / composição fotográfica: paisagem / profundidade do campo: sem profundidade.
Conteúdo genérico/sentido denotativo/pré-iconográfico: ambientação: igreja/sentido denotativo
Sequência narrativa/Identificação dos indivíduos: Mãe carrega o filho no colo logo a frente o Padre está apresentando a cerimônia de batismo, ao fundo é possível ver outra criança à espera da cerimônia.

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Quadro 6 – Área de conteúdo e estrutura da imagem 3 “entre mãe e filho”

ÁREA DE CONTEÚDO E ESTRUTURA	
<i>CONTEÚDO ESPECÍFICO</i>	<i>DESCRIÇÃO FÍSICA</i>
Quem: Mãe Tereza Alves segurando seu filho André no colo, logo à frente o Padre, ao fundo uma criança e outros participantes da cerimônia religiosa.	Cor: 1 foto - color
Onde: Salvador/Ba	Dimensão do suporte primário e secundário: primário
Quando: 11 de junho de 1991 – cerimônia realizada pela manhã	Formato: Impresso
Como/O que: Mãe com seu primogênito no colo, várias pessoas ao redor e ao fundo da fotografia, vestimentas de acordo com a cerimônia de batismo, todos bem arrumados socialmente.	Tamanho: 10x15
	Informações sobre o suporte/ características físicas e requisitos técnicos: papel/ anotação com data do batizado.

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Assim como mostra a fotografia, o título e a ficha descrevem a união entre mãe e filho, como esse momento foi de grande importância, não só pela religiosidade e crença, mas pelo momento único e uma das raras fotografias que tem mãe e filho presente.

A seguir daremos início a terceira análise com a imagem 4.

Imagem 4 – O batismo (os padrinhos)

Fonte: Álbum da família Alves (1991)

Na imagem 4 identificamos a madrinha, Senhora Dalva, que carrega no colo seu afilhado, ao lado do seu marido Clóvis que aguarda o momento tão esperando da cerimônia religiosa, o ato de mergulhar a cabeça da criança sobre a água sagrada. A seguir, vejamos os quadros 7, 8 e 9 com as informações descritivas.

Quadro 7 – Area de identificação da imagem 4 “O batismo (os padrinhos)”

ÁREA DE IDENTIFICAÇÃO
Fundo: BR BA AFA
Registro: F003/1991
Denominação título: Os padrinhos no momento da cerimônia religiosa
Autoria: Dado não disponível
Série: Fotografia do álbum de batismo do primogênito da Matriarca Tereza Alves
Data crônica: 16 de junho de 1991
Legenda: Matriarca Tereza Alves ao lado dos padrinhos do seu primogênito
Material e Técnica: Fotografia impressa
Materiais contemporâneo: fotografia colorida em papel com revelação química.

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Quadro 8 – Area de contextualização da imagem 4 “O batismo (os padrinhos)”

ÁREA DE CONTEXTUALIZAÇÃO
Histórico: Registro de 1991 na cerimônia religiosa, retirada do álbum de fotografias do batizado de André Alves o primogênito junto com seus padrinhos e o Padre logo a frente.
Procedência: Álbum de batismo do primogênito de Tereza Alves - 1991
Dimensão expressiva: ótica: lente normal / limosidade: contraluz / Enquadramento: vista geral – primeiríssimo plano, close-up / posição da câmera: câmera alta / composição fotográfica: paisagem / profundidade do campo: sem profundidade.
Conteúdo genérico/sentido denotativo/pré-iconográfico: ambientação: igreja/sentido denotativo
Sequência narrativa/Identificação dos indivíduos: Tem quatro pessoas na fotografia, os padrinhos segurando a criança André Alves para o ato de batismo, logo a frente o Padre parece estar falando para o início da cerimônia religiosa.

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Quadro 9 – Area de conteúdo e estrutura da imagem 4 “O batismo (os padrinhos)”

ÁREA DE CONTEÚDO E ESTRUTURA	
<i>CONTEÚDO ESPECÍFICO</i>	<i>DESCRIÇÃO FÍSICA</i>
Quem: Padrinhos segura a criança André Alves para o ato de batismo da cerimônia religiosa o padre se encontra logo a frente.	Cor: 1 foto - color
Onde: Salvador/Ba	Dimensão do suporte primário e secundário: primário
Quando: 11 de junho de 1991 – cerimônia realizada pela manhã	Formato: Impresso
Como/O que: Padrinhos, com afilhado André e o Padre Frei logo a frente para início da cerimônia de batismo.	Tamanho: 10x15
	Informações sobre o suporte/ características físicas e requisitos técnicos: papel/ anotação com data do batizado.

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Além da cerimônia do batismo e do momento entre padrinhos e afilhado, a ficha descreve o momento de início para realização do batizado, onde a madrinha parece está orgulhosa do momento que se inicia. Não foi possível visualizar a mãe Tereza ao lado do filho, das quatro fotografias ela aparece apenas em duas das fotos do batismo do seu filho, deixando algumas lacunas nesse registro pessoal. Descrevendo esse momento foi possível ressaltar uma interpretação do contexto mais a fundo.

E por fim, daremos início a quarta análise com a imagem 5, a seguir.

Imagem 5 – O Renascimento

Fonte: Álbum da família Alves (1991)

A imagem 5 retrata o momento da cerimônia religiosa que para igreja católica é considerado o momento do sacramento do batismo em si, a criança (André Alves) recebe a água sagrada sob sua cabeça, recebendo a benção juntamente com o padre e seus padrinhos que marca o início de uma nova vida para o cristianismo. A seguir, vejamos os quadros 10, 11 e 12 com as informações descritivas.

Quadro 10 – Area de identificação da imagem 5 "O renascimento"

ÁREA DE IDENTIFICAÇÃO
Fundo: BR BA AFA
Registro: F004/1991
Denominação título: O momento do renascimento na cerimônia religiosa
Autoria: Dado não disponível
Série: Fotografia do álbum de batismo do primogênito da Matriarca Tereza Alves
Data crônica: 16 de junho de 1991
Legenda: Matriarca Tereza Alves ao lado dos padrinhos do seu primogênito
Material e Técnica: Fotografia impressa
Materiais contemporâneo: fotografia colorida em papel com revelação química.

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Quadro 11 – Area de contextualização da imagem 5 “O renascimento”

ÁREA DE CONTEXTUALIZAÇÃO
Histórico: Registro de 1991 na cerimônia religiosa, retirada do álbum de fotografias do batizado de André Alves ao lado dos seus padrinhos Sra. Dalva e Sr Clóvis no momento do batismo, recebendo a água abençoada sob sua cabeça, para o cristianismo um ato de renascimento.
Procedência: Álbum de batismo do primogênito de Tereza Alves - 1991
Dimensão expressiva: ótica: lente normal / limosidade: contraluz / Enquadramento: vista geral – primeiríssimo plano, close-up / posição da câmera: câmera alta / composição fotográfica: paisagem / profundidade do campo: sem profundidade.
Conteúdo genérico/sentido denotativo/pré-iconográfico: ambientação: igreja/sentido denotativo
Sequência narrativa/Identificação dos indivíduos: Tem três pessoas na fotografia, a madrinha Sra. Dalva segura a criança André Alves para o ato do batismo, logo ao lado o padrinho Sr Clóvis e em frente a madrinha o Padre Frei realiza o batismo, molhando a cabeça da criança com água sagrada, cerimônia religiosa da Igreja Católica.

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Quadro 12 – Area de conteúdo e estrutura da imagem 5 “O renascimento”

ÁREA DE CONTEÚDO E ESTRUTURA	
<i>CONTEÚDO ESPECÍFICO</i>	<i>DESCRIÇÃO FÍSICA</i>
Quem: Madrinha Sra. Dalva segurando a criança André Alves, ao lado do seu marido e padrinho da criança Sr. Clóvis, logo a frente o Padre Frei.	Cor: 1 foto - color
Onde: Salvador/Ba	Dimensão do suporte primário e secundário: primário
Quando: 11 de junho de 1991 – cerimônia realizada pela manhã	Formato: Impresso
Como/O que: Madrinha Sra. Dalva segurando a criança, Sr. Clóvis olha ao lado, Padre Frei molha a cabeça da criança, o ato de batismo do cristianismo.	Tamanho: 10x15 Informações sobre o suporte/ características físicas e requisitos técnicos: papel/ anotação com data do batizado.

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Este é o momento da cerimônia mais aguardado, o batizado ou renascimento para o cristianismo. Apenas a madrinha segura o primogênito de Tereza, nesta fotografia também não é possível visualizar a presença da mãe no momento do ato católico.

Para cada fotografia, separamos os quadros das fichas de descrição em três partes. Na área de identificação apresentam-se as principais informações da fotografia que é possível identificar: ano, local, fotógrafo, entre outras que descreve em síntese a imagem. Na área de contextualização podemos identificar a procedência, histórico da fotografia, dimensão, para contextualizar a fotografia. Na área de conteúdo e estrutura, identificamos, quem está na fotografia, onde, quando e como foi feita e finalizamos descrevendo a estrutura física, tamanho, dimensão do suporte primário e

secundário, formato, cor e Informações sobre o suporte. A partir destas fichas, conseguimos identificar e explicar o contexto do documento de arquivo, otimizar as informações para compor a descrição de cada fotografia escolhida, assim como proporcionar uma qualidade técnica e uso com mais facilidade para o instrumento de pesquisa.

Na próxima seção vamos narrar a trajetória de vida da matriarca Tereza Alves a partir das descrições fotográficas, desde sua chegada na capital baiana, sobre seu trabalho como doméstica e suas dificuldades e como sua memória fotografia esteve tão ausente na sua vida, ao ponto de ter alguns momentos esquecidos, tanto na memória individual como a memória coletiva.

4.2 DISCUSSÃO: narrativas protagonizadas pela matriarca Tereza Alves a partir das fotografias.

Iniciando as narrativas da trajetória da Matriarca Tereza Alves iremos resumir em suas palavras como foi sua chegada na capital baiana, suas dificuldades para enfrentar a “cidade grande” sem nenhum preparo, conhecimento e informação e como construiu sua família e conseguiu se estabelecer depois de mais de 30 anos na cidade e optamos por utilizar o verbo em primeira pessoa para dar mais legitimidade a fala. .

"Sou do interior chamado povoado do Peixe, localizado no município Lagedo do tabocal interior da Bahia, durante anos sonhei em sair da minha terra para ir para cidade grande, assim chamamos a capital, sempre sonhei em entrar no ônibus Camurujipe, quando via ele passar na estrada, eu falava para minhas irmãs "um dia ainda vou entrar nesse ônibus" não sabia o destino que queria ir nem o que eu faria chegando em outra cidade, mas sonhava em sair dali. Quando cheguei em Salvador em 1985 vim por indicação para uma casa de família para trabalhar como empregada doméstica, lá trabalhei por onze meses, depois fiquei trabalhando numa pousada chamada Pousada Janaína, onde permaneci por dez meses, depois trabalhei em mais dois lugares, sempre por curto tempo até chegar na casa de Sr. Clóvis e Sra. Dalva, mais ou menos em 1988, não me lembro certo, mas nesta casa trabalhei como empregada doméstica por quase três anos não completos e foi neste trabalho que engravidei do meu primeiro filho e vivi parte de sua criação morando com os patrões.

Entre os anos 80 e 90 as empregadas domésticas costumavam morar na casa dos patrões, e assim foi comigo, em todas as casas que trabalhei como empregada eu também morava. Passei por muitas dificuldades morando na cidade grande devido à falta de informação e estudos porque não tinha familiares em Salvador que pudesse me orientar e o trabalho pesado como doméstica não me deixava ter tempo para voltar a estudar, sendo então um impedimento que me deixava muito triste, sempre quis terminar o ensino, quando cheguei em Salvador nem sabia direito qual série estava para dar continuidade, por algumas vezes até tentei, estudei alguns meses, mas não conseguia permanecer na escola, chegava muito cansada e não tinha estímulo na sala de aula, foi então que resolvi desistir mais uma vez. Depois de ter meu primeiro filho tudo ficou mais difícil, o pai dele não era presente e eu precisava me virar para poder cria-lo e por muitas vezes abdicar de algumas coisas para poder dar pelo menos o principal, alimentação e saúde. Meus familiares não sabiam da dificuldade que eu estava passando e eu não queria contar e ter que voltar para o interior, então eu fui vivendo do jeito que dava para viver. Praticamente trabalhava 24 horas, pois não tinha uma folga na semana, acordava cedo para ter o café dos patrões posto na mesa e ia dormir tarde arrumando a cozinha e já organizando o almoço do dia seguinte. Ainda tentava me dedicar por um curto tempo para cuidar do meu filho, mas não conseguia, nunca era o suficiente, criar um filho no trabalho, dentro da casa dos seus patrões é ter que aguentar e ouvir certas coisas, mas abaixar a cabeça e continuar, pois, a necessidade falava mais alto.

Sr Clóvis trabalhava com investimento de dólar e Sra. Dalva era dona de casa, não havia uma relação afetuosa entre patrão e eu como funcionária, infelizmente tive que ouvir e fazer muitas coisas e me manter calada. A Sr Dalva era mais rígida e sempre estava me dando obrigações que estava fora do meu alcance, mas eu deveria fazer de qualquer jeito para não ser demitida, eu não tinha muita escolha, tendo que criar meu filho na casa onde trabalhava a minha escolha era única, poder alimentá-lo e ter onde morar e dormir. Nos anos 80 ainda não havia lei para empregada doméstica, então não tinha lei que pudesse regularizar o trabalho ou ter benefícios melhores, assim como eu conheci várias colegas na época que estava na mesma situação, não tinha onde reclamar ou recorrer, nós mulheres e trabalhadoras domésticas não tínhamos muitas escolhas a não ser trabalhar e trabalhar, e eu ainda estava sozinha e

precisava do trabalho para criar meu filho. Hoje vendo sobre essa lei que regulariza o trabalho doméstico vejo que quantas coisas melhorou depois de anos e como demorou essas mudanças. Atualmente não trabalho mais como empregada doméstica, mas sei o sofrimento que passamos para nos dedicar a casa dos outros e algumas vezes aos filhos dos outros. Na maioria dos meus trabalhos como doméstica além de realizar os trabalhos de casa eu também tinha que fazer o papel de babá dos filhos das patroas, eu cuidava como se fosse meu filho e ao longo dos anos que permanecia nas casas trabalhando eu era mais reconhecida pelas crianças do que pelas patroas, cheguei a ser chamada de mãe por um dos filhos que cuidei, eles se apegavam a mim e quando eu precisava ir embora era difícil para mim tirar esse vínculo, já existia um sentimento entre eu e a criança. Por muitos anos criei meu filho junto com os filhos da patroa e de certa forma acabava criando um vínculo entre as crianças, talvez seja por isso que duas patroas que eu tive ao longo dos lugares que passei se ofereceram para ser madrinha dos meus filhos, confesso que não entendia muito o porquê, mas eu não perguntava e assim aconteceu com a madrinha do meu primeiro filho que chegou a ser batizado e também da minha segunda filha, uma outra patroa me pediu para ser madrinha da minha filha e se passaram anos tendo esse vínculo de madrinha e afilhada, mas nunca chegou a realizar a cerimônia de batismo.

Quando eu estava grávida a patroa Sra. Dalva perguntou se poderia ser madrinha, na época não entendi bem, já que não tínhamos uma relação amigável, não tive como negar, pois não tinha como dizer não a patroa, eles tratavam meu filho bem, vi com bons olhos, como se meu filho fosse bem-vindo na casa deles.

Não tive condições para registrar o nascimento do meu filho, nem mesmo seus primeiros passos ou aniversários, neste dia do batizado Sra. Dalva custeou as fotografias do fotografo da igreja. Não me lembro muitos detalhes do dia do batismo, nem mesmo como foi a relação dos padrinhos estando comigo, ao lado da empregada na igreja. Me lembro de ser uma manhã de domingo, mês de junho, um dia de realizações de batizados, a igreja estava bastante cheia, o que é comum que a igreja católica batize grupos de crianças no mesmo dia. A igreja é no bairro da Saúde próximo onde a minha patroa morava, no centro da cidade. Após a cerimônia de batizado não comemoramos em festa nem nada, não tivemos convidados e o momento bom e amigável acabou ali e nada mais que isso ocorreu depois, essas lembranças estão

distantes, e as poucas que tenho não são boas lembranças, não consigo me recordar o que aconteceu após o batizado, essas fotografias só me fazem lembrar sobre a convivência com Sr. Clóvis e Sra. Dalva, e eu lembro que não era a das melhores patroas que eu tive, mas aguentei alguns meses pensando apenas na criação do meu filho. Esse vínculo com meu filho André não foi a diante, não mantive contato e mal sabia notícias, nunca nos procurou para saber se precisava de ajuda ou para saber como estava André, foram padrinhos apenas para batizar, mas não acompanhou o crescimento da criança.

As fotografias é um dos poucos registros que tenho do meu filho aos 2 anos de idade e um dos poucos registros também de mim, nunca gostei de tirar fotos e nunca tive câmera, os poucos registros que tenho espalhados entre as pastas de documentos foram feitos por amigos que fiz ao longo da vida, as dos meus filhos também. André e Taciane só tem fotos de quando já eram adolescentes, mas não tem do nascimento, nem de infância, nem de aniversários, pois nenhum deles tiveram festas, a gente fazia um bolo para o café e ali já era a comemoração. Já minha filha mais nova, Valdiane teve algumas fotos de quando era bebê, eu pedir para uma amiga, mas ela não me devolveu todas as fotos do álbum, então essa memória foi perdida. Não tenho fotográfica de casa, nem dos meus pais, nem dos meus irmãos, anos mais tarde conseguir tirar do meu pai, já idoso, da minha mãe o único registro que tenho é a foto do documento de RG, fotos junto com meus irmãos praticamente não existe, para quem tem dez irmãos seria difícil ter registro de cada um deles, não só a minha como também da minha família reunida, não temos esses registros.

Só hoje entendo que muitas dessas memórias que não foram registradas podem ser esquecidas com o tempo, com ausência de fotos e lembranças. Quando Taciane resolveu escrever um pouco sobre minha história e a ausência de memória fiquei incomodada em não poder ajudar tanto como queria, mas fiquei muito feliz em saber que ela queria registrar um pouco da minha vida em seu trabalho de conclusão da faculdade, já que é muito importante para mim que meus filhos tenham uma formação que eu não tive e hoje entendo como a memória é tão importante para uma pessoa, assim como minha filha Taciane que gosta de falar de memória eu sempre tive uma boa memória de momentos da minha infância e da minha vida no interior, sempre contei para meus filhos momentos que vivi na roça, a vida de campo, quando íamos

plantar, quando a família vivia reunida, como a vida na roça era um trabalho pesado e cansativo para crianças, essas memórias nunca foram esquecidas da minha lembrança apesar de não ter fotografia desses momentos. A memória ainda assim continua fazendo parte da nossa família, mesmo que algumas delas não foram lembradas, mas espero ter ajudado a contar minha história, como minha filha Taciane me disse, história de muitas outras mulheres que foram buscar seus sonhos na cidade e acabaram construindo sua vida e sua família”.

Por meio desta narrativa observamos algumas divergências na história desta mulher, tanto pela falta de lembranças da personagem (que é natural do tempo e da memória) mas, também e principalmente pela ausência de registros. Também se observou uma dificuldade em relatar com mais detalhes a convivência com os patrões, algumas memórias estão distorcidas e não foram entendidas ao longo da narrativa, tivemos que (re)construir os relatos e histórias soltas que a personagem sempre contou durante suas conversas com os filhos ao longo dos anos.

Vale ressaltar sobre o papel da mulher na sociedade nos anos 80, sobretudo no que concerne as desigualdades de gênero, como mulher, negra e nordestina sofrendo com a desvalorização no trabalho doméstico, com péssimas condições de trabalhos e baixa remuneração, o que contribui para que mulheres e chefes de famílias tendo que criar seus filhos sozinhas, estejam quase sempre em condições desfavoráveis e não consigam ascender socialmente. Esse questão foi abordada na narrativa com bastante ênfase, na história da personagem Tereza Alves, o papel da mulher e o trabalho doméstico escravizado, uma atividade de exclusividade feminina e majoritariamente negra com exclusão social por falta de políticas públicas para mulheres, e só em 2015 foi implantado pela Lei Complementar 150 que assegura novos direitos para o emprego doméstico. E a personagem relata sobre a ausência de leis que pudesse regularizar seu trabalho, como a ausência de políticas públicas também contribuiu para construção de vida da mulher na sociedade.

Com isso, construímos um resumo de quando ela chegou na capital baiana e começou sua trajetória como empregada doméstica, passando por diversos trabalhos e experiências em curto período, mas sem conseguir algumas informações precisas, como por exemplo, o tempo exato que ela permaneceu neste emprego. Não foi possível entender pelas suas lembranças, nem pelas narrativas recuperadas por meio

das fotografias, como o vínculo de empregada tornou ela e seus patrões tão próximos a ponto de se tornarem padrinhos do seu filho. Ficou uma grande lacuna de na narrativa, que não foi possível (re)contar a história por trás da fotografia e explicar com riqueza de detalhes a convivência com os patrões, personagens da fotografia e da sua trajetória.

Entendemos assim, que a memória foi em certos períodos “esquecida” pela ausência de registros como fotografias e outros documentos, mas conseguimos narrar a jornada da personagem Tereza Alves e sua história de vida que é bastante comum entre as mulheres brasileiras, nordestinas e racializadas. Com isso, concluímos que esta narrativa contribui para complementar as informações encontradas e descritas por meio das fotografias e o contrário também acontece, as fotografias também podem servir como ponto de lembrança para memórias “esquecidas” e/ ou “adormecidas”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou apresentar a importância das técnicas de descrição arquivística utilizadas em fotografias com base para re(construir) uma história que foi silenciada ao longo dos anos por ausência de registros. Também apresentamos conceitos de fotografia e sua capacidade de identificar e memorizar momentos entre o passado, presente e futuro, utilizando a descrição de documentos iconográficos para identificar o tempo, origem e a construção da imagem registrada. E teve como objetivo analisar como a descrição arquivística de imagens podem servir para reconstrução sócio-histórica e contribuir para ressignificação da memória coletiva de um indivíduo, grupo ou sociedade.

A descrição, foi entendida neste estudo como técnica para fornecer informações direta e necessária sobre a fotografia, tendo o objetivo de descrever e padronizar, assim como ter o potencial de contribuir para otimização da informação, tornando um instrumento de pesquisa eficaz. Pensando na importância da descrição do documento arquivístico e o quanto ela pode contribuir para pesquisas, nós utilizamos desse recurso na prática, fazendo o processo de descrição desde a primeira etapa, utilizando as fichas de descrição e as fotografias do álbum de família da matriarca Tereza Alves

O problema dessa pesquisa se concentrou em investigar como a descrição arquivística de imagens podem servir para reconstrução sócio-histórica e contribuir para ressignificação da memória coletiva de um indivíduo, grupo ou sociedade. Para solucionar esse problema, o primeiro objetivo específico se preocupou em fazer um levantamento no álbum da família Alves por imagens que retratem a matriarca Tereza Alves, assim realizamos um levantamento no álbum do familiar Alves. Em seguida, o segundo objetivo específico buscou selecionar as imagens identificadas com a matriarca Tereza Alves, para isso, separamos quatro fotografias para analisar e elaborar a ficha de descrição. Após a seleção e a identificação, conseguimos descrever arquivisticamente cada uma delas (terceiro objetivo específico) para re(construir) narrativas protagonizadas pela matriarca Tereza Alves a partir das descrições fotográficas (quarto objetivo específico).

Através da descrição fotográfica, conseguimos narrar alguns momentos da trajetória de vida da matriarca Tereza Alves e a partir desta narrativa podemos

compreender como estudos sobre reconstrução e ressignificação de memórias, seja individual e coletiva, podem contribuir para o desenvolvimento de um indivíduo dentro da sociedade, sobretudo se aliado aos recursos teóricos e técnicos da arquivística.

Contudo, algumas dificuldades surgiram no caminho, para colocar a narrativa em ordem, algumas incertezas de informações e relatos soltos da personagem dificultou o entendimento da trajetória e ficou lacunas sobre alguns acontecimentos, por falta de lembrar dos fatos e detalhes ocorridos e pela ausência de registros. Assim, entre um relato e outro conseguimos estruturar em ordem os passos da personagem com a descrição da fotografia escolhida para pesquisa. Outra dificuldade foi encontrar fotografias, a ausência de registros foi o problema inicial do trabalho e os poucos registros que foram encontrados, a personagem Tereza Alves não estava presente em todas as fotografias. Das quatro fotografias escolhidas, apenas em duas ela se fez presente, destacando a ausência de registros pessoais e fotográficos, que discutimos no trabalho.

Entendemos que a arquivologia é campo diverso a ser explorado, mas ainda se percebe pouca visibilidade e aderência da área para pesquisas que envolvem memória, fotográfica e descrição arquivística. A ausência de referências da área para referenciar este e demais estudos sobre memória fotográfica dentro da arquivologia, é algo ainda a ser debatido.

Com isso, acreditamos que trabalhos com esse perfil podem contribuir não só para área da Arquivologia, como para demais áreas do campo informacional e colaborar com a história e sociedade. Logo, este trabalho também ressalta a importância de buscar e contribuir para futuras pesquisas sobre memórias, fotografia, história e arquivologia.

Por tanto o presente trabalho considera que reconhecer a importância da memória e fotografia no meio arquivístico e dar visibilidade para futuras pesquisas que possam se aprofundar em técnicas de descrição arquivística para documentos iconográfico pessoais, como a criação de instrumento de pesquisa para a informação e acesso foi um dos desafios alcançados. E apresentar os estudos de memória e fotografia como possibilidade para reconstrução sócio-histórica se faz necessário para construção do indivíduo e para Arquivologia.

Ressaltamos a relevância desta pesquisa para o entendimento sobre a relação de memória e fotografia no escopo da Arquivologia e sua importância para o indivíduo dentro da sociedade. Quando começamos a elaborar os objetivos a partir do problema de pesquisa, não imaginávamos como a ausência de memória poderia afetar e silenciar uma história de vida já esquecida pelo tempo, as narrativas comprovam isso. O esquecimento está muito além das lembranças e mesmo sendo uma memória coletiva que pode ser reconstruída, existem lacunas, informações incompletas e distorcidas.

Para a formação de Arquivista, esse estudo poderá contribuir em futuras pesquisas da área dando visibilidade para áreas distintas e afins como memória e fotografia, ainda pouco exploradas no campo.

Por fim, reforçamos que contar e pesquisar sobre histórias que falam sobre nós, nossas vidas e das nossas ancestralidades é suma importância. A história de vida da Matriarca Tereza Alves também é o retrato da vida de muitas mulheres brasileiras. Pois, assim como nos ensina os estudos de memória, histórias se cruzam, histórias de mulheres que vivenciaram a mesma trajetória de vida. Mulher, pobre, empregada doméstica, do interior nordestino em busca de uma oportunidade melhor na capital, com sonhos interrompidos por apenas uma realização em comum, ter condições adequadas para sobreviver na cidade.

Nesse contexto, acreditamos que pesquisas como essas podem dar visibilidade para histórias que não são contadas ou registradas em arquivos ou centro de memória, podem até ser encontradas em arquivos pessoais, mas não são reconstruídas pela ausência de registros, como fotografias e outros documentos, que porventura possam recontar e contribuir para narrativa de trajetórias de vida. Deixamos aqui em aberto a possibilidade de futuras pesquisas serem realizadas acerca deste tema, e que possam contribuir para reconstrução de memórias individuais e coletiva, sobretudo dentro dos arquivos pessoais, dando a esse tema evidência e destaque dentro da Arquivologia.

REFERÊNCIAS

- ARQUIVO NACIONAL (BRASIL). **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. Disponível em: <https://simagestao.com.br/wp-content/uploads/2016/01/Dicionario-de-terminologia-arquivistica.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2021.
- BARROS, Dirlene Santos BARROS; AMÉLIA, Dulce. **Arquivo e memória: uma relação indissociável**. 2009. 8 f. Campinas. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/B5P5nQBTvRBJV7Rpq8hGDfh/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 25 maio 2021.
- BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Lisboa: Edições 70, 2012.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. (Série Obras Escolhidas, 1)
- BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- BRITTO, Augusto César Luiz; MOKARZEL, Marisa de Oliveira; CORRADI, Analaura. O arquivo enquanto lugar de memória e sua relação com a identidade. **Ágora**, Florianópolis, v. 27, n. 54, p. 158-182, jan./jun., 2017. Disponível em: <https://agora.emnuvens.com.br/ra/article/view/640/pdf> Acesso em 25 maio 2021.
- CONARQ, Conselho Nacional de Arquivo. Resolução nº 20, de 16 de julho de 2004. Dispõe sobre a inserção dos documentos digitais em programas de gestão arquivística de documentos dos órgãos e entidades integrantes do Sistema Nacional de Arquivos. **Diário oficial da União**, Brasília, DF, 19 jul. de 2004. Disponível em: <https://www.gov.br/conarq/pt-br/legislacao-arquivistica/resolucoes-do-conarq/resolucao-no-20-de-16-de-julho-de-2004>. Acesso em: 02 fev. 2021
- COOK, Terry. Arquivos pessoais e arquivos institucionais: para um entendimento arquivístico comum da formação da memória em um Mundo Pós-Moderno. **Estudos Históricos**, n. 21, p. 129-149, 1998. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2062/1201>. Acesso em: 25 maio 2021
- COSTA FILHO, Cássio Murilo Alves. O ciclo vital ante o documento digital: o modelo records continuum como recurso de elucidação. **Acervo: Revista do Arquivo Nacional**, v. 29, n. 2, p. 155-167, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/44288>. Acesso em: 10 maio 2021.
- DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. Introdução: **a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa**. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (orgs.). O

planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. Tradução de Sandra Regina. Porto Alegre: Artmed, 2006. Cap. 1, p. 15-47.

EASTWOOD, Terry. A contested realm: the nature of archives and the orientation of archival science. *In*: EASTWOOD, Terry; MACNEIL, Heather (eds.). **Currents of archival thinking**. Santa Barbara: Libraries Unlimited, 2010. p. 3-21.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução: Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2013.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & história**. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

LACERDA, Aline Lopes de. **A fotografia nos arquivos**: a produção de documentos fotográficos da Fundação Rockefeller durante o combate à febre amarela no Brasil. 2008. 258 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-11092008-145559/publico/TESE_ALINE_LOPES_DE_LACERDA.pdf. Acesso em: 25 maio 2021.

MANINI, Maria Paula. **Imagem, memória e informação**: um tripé para o documento fotográfico. 2011, Londrina. Disponível em <https://core.ac.uk/download/pdf/33545386.pdf> Acesso em: 25 maio 2021.

MARTINEZ, Lusiane Vivian. **NOBRADE e a descrição de fotografias nas diversas áreas da Ciência da Informação**. 2009. 78 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquivologia) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/22753/000740211.pdf?sequence=1>. Acesso em: 25 maio 2021.

OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de; SILVA, Leyde Klebia Rodrigues da (orgs). **Representação descritiva da informação arquivística II**. João pessoa, 2013. Apostila.

OLIVEIRA, Lucia Maria Velloso de. **Descrição e pesquisa**: reflexões em torno dos arquivos pessoais. Rio de Janeiro: Móbile, 2012.

PEAES, Marilena Leite. **Teoria e prática**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2004

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <http://www.pgedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf>. Acesso em 25 maio 2021.

RODRIGUES, Joana Sousa. **O documento fotográfico**: um objeto social e de comunicação para a geração de conhecimento. **RDBCI**: Rev. Digit. Bibliotecon. Cienc. Inf., Campinas, v. 16 n. 3 p. 373-386, set./dez. 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/114283>. Acesso em: 25 maio 2021

RODRIGUES, Joana Sousa. **O papel do documento fotográfico nos arquivos. Páginas a&b.**, v. 3, n. 8, p. 55-65, 2017. Disponível em: https://brapci.inf.br/_repositorio/2018/01/pdf_df7f2f73e1_0000028636.pdf. Acesso em 25 maio 2021.

ROUSSEAU, Jean-Yves; COUTURE, Carol. **Os fundamentos da disciplina arquivística**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1998. (Nova Enciclopédia, 56).

SANTOS, Larissa Conceição dos. Entre história, memória e narrativa: interfaces mediadas pela comunicação. **Sessões do Imaginário**, Porto Alegre, v. 21, n. 35, p. 98-104, 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Larissa-Conceicao-Dos-Santos/publication/330857216_Entre_memoria_historia_e_narrativa_interfaces_mediadas_pela_comunicacao/links/5c588c1692851c22a3a91d71/Entre-memoria-historia-e-narrativa-interfaces-mediadas-pela-comunicacao.pdf. Acesso em: 25 maio 2021

SERÉN, Maria do Carmo. O documento fotográfico: da mediação cultural à mediação técnica. **CEM**: revista do CITCEM, Porto, n. 2, p. 183-192, 2013. Disponível em: <http://ojs.letras.up.pt/index.php/CITCEM/article/view/4855/4537>. Acesso em 25 maio 2021.

SILVA, Leyde Klebia Rodrigues da. A memória na ciência da informação: em foco a preservação digital. *In*: PIMENTA, Ricardo M.; SILVA, Leyde Klebia Rodrigues da; RANGEL, Thayron Rodrigues (orgs.). **Informação e memória**: perspectivas em movimento. São Paulo: Associação de Arquivistas de São Paulo, 2021. p. 116-133.

SILVA, Sérgio Matias da. O documento fotográfico em debate: um estudo em periódicos científicos nas áreas da ciência da informação e da arquivologia. **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, n. 17, p. 223-242, 2019. Disponível em: http://wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj/wp-content/uploads/2020/06/AGCRJ_revista17_200523-223-242.pdf Acesso em 25 maio 2021.